

MARTINS, Andrei Venturini. *Do reino nefasto do amor-próprio: A origem do mal em Blaise Pascal*. São Paulo: Filocalia, 2017, 351p. ISBN: 978-85-69677-18-5.

A presente obra, da lavra de Andrei Martins Venturini, doutor em filosofia, professor no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião, tem como principal objetivo desvendar as origens do mal, com base nos escritos de Blaise Pascal (1623-1662). Para tanto, o Autor examina a carta do filósofo francês, datada de 7 de outubro de 1651, escrita a sua irmã por ocasião do falecimento do pai (Étienne Pascal), acometido por grave acidente doméstico. O breve escrito, aparentemente marginal e forjado por sentimentos de luto, é realçado de modo original por Martins e chamado simplesmente de *Lettre*. Alguns autores procuram retrair suas fontes, que estariam baseadas sobretudo na obra de Santo Agostinho e de Jansenius (p. 17). Antes de tudo, para Martins, a *Lettre* não é “uma simples carta teológica sobre a consolação”, mas sim um modelo de direção espiritual (p. 18). O livro contém dois conceitos fundamentais: o de *amor-próprio*, como enuncia o título e o *vazio infinito*, que nasce da queda original e é preenchido apenas por intercessão de Cristo.

O trabalho, dividido em duas partes e cinco capítulos, é originário de uma tese de doutorado defendida na PUC-SP, sob a orientação do famoso filósofo Luiz Felipe Pondé.

Na primeira parte, intitulada *A teoria do pecado original e suas consequências*, o Autor analisa o aspecto histórico das cartas espirituais do século XVII, baseando-se no *Discurso da reforma do homem interior*, redigido por Jansenius Cornelius, bem como na teoria do pecado original e nas suas diversas consequências. Com essa contextualização, Martins observa os desregramentos das paixões humanas e a primeira das concupiscências: a da carne. Conforme o pensamento de Jansenius, sob o pretexto de necessidade, o homem fica impelido a procurar prazeres desmedidos, geralmente voltados a objetos soezes. Segundo o ponto de vista de Pascal, o homem é pleno de concupiscência, portanto, cheio de mal.

Nas cartas de Saint-Cyran, *Lettres Chrestiennes et Spirituelles*, datadas do século XVII, nota-se uma forma de orientação aos diretores espirituais utilizada pelos integrantes da abadia de Port-Royal, frequentada por Pascal. Saint-Cyran recomendava a tais diretores que aplicassem aos subalternos uma forma de vida de retiro, solidão e silêncio, para desta maneira testar a perseverança nas vias da virtude dos seus dirigidos.

Um dos principais enfoques da segunda parte do livro é a procura da

gênese de todos os males e vícios, na qual Pascal se fundamenta em Santo Agostinho e Jansenius, e remonta ao pecado original como origem do orgulho, do amor-próprio e das misérias humanas.

Deste modo, o Autor propõe uma análise minuciosa da própria natureza humana expondo dois estados do homem, conforme o pensamento de Pascal. O primeiro, ao ser criado; o segundo, após o pecado adâmico. Nos *Escritos sobre a graça* Pascal mensurará o efeito das faltas dos homens. Decorrente do pecado de Adão, a morte entrou no mundo não como mero fator orgânico, como criam os antigos pensadores, mas, conforme os ensinamentos da religião católica, a morte foi introduzida na existência humana por castigo de uma falta cometida contra Deus. Contudo, nem por isso Deus deixou de demonstrar sua misericórdia para com o gênero humano, e, por meio de graças, o predispôs a uma vida futura isenta de qualquer tipo de concupiscência.

Foi pela Redenção de Jesus Cristo, mediador e artífice de toda graça, que Deus retirou o homem da corrupção do pecado, onde estava imerso. E nesse sentido, Pascal, em contraposição aos deístas e ateus, prova a existência de Deus com base nos princípios da razão auxiliada pela fé, seguida pela lógica do coração, assim descrita por Martins.

No fim da obra, o Autor analisa detidamente, sob o ponto de vista

filosófico, o vazio interior que a própria palavra *moi* (mim em francês) oferece, divorciada de Deus. Desta forma, a origem do mal fica evidenciada no próprio homem, o qual procura uma máscara para esconder o vazio interior que há dentro de si.

Na conclusão, o Autor realça, com acerto, a verdadeira posição do homem em relação a Deus, livre de qualquer amor-próprio, para deste modo, por meio das vias da cruz, obter justamente a eterna bem-aventurança. Martins sintetiza este último pensamento com acuidade na frase de Pascal, “a fim de que a grandeza da fé brilhe muito mais quando tendemos à imortalidade pelas sombras da morte” (p. 340).

Percebe-se o empenho do Autor, nesta nova abordagem, em fundamentar coesamente sua obra nos escritos de Blaise Pascal, com o intuito de desvelar a origem do mal e das concupiscências humanas. Não obstante, é proporcionada aos leitores uma nova perspectiva filosófica e religiosa acerca do pecado original e de suas decorrências. A obra também dá ensejo a novos aprofundamentos nos mais variados campos, sejam eles religiosos, filosóficos ou sociais. Ou simplesmente para quem se interessa pelo problema do mal, impossível de ser desvelado, pois pertence aos insondáveis desígnios de Deus.

Roberto José Merizalde Escallón, EP
(Professor – IFAT, com a colaboração de Leonardo Brito)